

O elogio do sexo da mulher*

Margareth Rago**

Em 1967, num momento de profunda crise da família nuclear e dos modelos sexuais que a constituíam, num momento em que o feminismo, ao criticar radicalmente a definição da mulher a partir de uma suposta “essência natural”, que a destinava exclusivamente à maternidade, passou a valorizar seu corpo e a defender sua sexualidade, publicou-se, na França, o estudo do médico ginecologista Gerard Zwang – *O sexo da mulher*. Trinta e três anos depois, o trabalho deste importante aliado chega ao Brasil, atualizado pelo autor e traduzido pela Editora da UNESP.

Explicando a morfologia e a fisiologia dos órgãos sexuais femininos, desfazendo mitologias, questionando os preconceitos implícitos nos conceitos misóginos utilizados para nomear o sexo da mulher, examinando as imagens e representações estigmatizadoras veiculadas nas artes, o autor problematiza o lugar que o sexo feminino ocupa na cultura ocidental, bastante inferiorizado em relação ao masculino, “paradigma da humanidade”. Assim, mostra que, ao longo dos séculos, enquanto Priapo reinou soberano, valorizado em sua perfeição e forma volumosa, “até mesmo Afrodite, em todas as representações clássicas, mostra-se sem pelos e impenetrável: para a deusa do Amor, convenhamos que é muito incoerente.”(p.272) “Feio, “cavo”, “úmido”, “muito complicado” e “maléfico”, o sexo da mulher tem sido desprezado e ultrajado, desde sempre.

* ZWANG, Gérard. *O sexo da mulher*. São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

** Professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

O elogio do sexo da mulher

Considerando, aliás, a própria dificuldade de sua nomeação, num termo que englobe vagina, púbis, clitóris, grandes lábios e que supere os substantivos depreciativos do senso comum, o autor opta pela noção de “a coisa em si”, numa atitude certamente irônica, já que não aleatoriamente retira o termo dos escritos eróticos do renascentista italiano Pietro Aretino.

Estruturado em três momentos – “a Coisa em si”; “Mitologia ou a idéia que temos da Coisa”; “Estética ou a maneira de ver a Coisa”, o médico propõe-se a descrever objetivamente os órgãos genitais, contrapondo-se às imagens que dele foram produzidas nas artes. Na primeira parte, faz uma descrição anatômica minuciosa do sexo feminino, muito elucidativa, explicando num vocabulário direto, mordaz e, às vezes, um tanto romântico a forma e o funcionamento dos órgãos genitais. Nas partes seguintes, enfrenta os mitos e as representações projetadas na pintura e na escultura, concluindo que nem mesmo a arte pode oferecer às mulheres referências artísticas que lhe dessem “uma justa imagem de seu sexo” (p.271). Os artistas gregos, por exemplo, “nos legaram inúmeras efígies de mulheres nuas, jovens e belas; ora por um paradoxo ao qual nos acostumamos demasiadamente, essas esplêndidas criaturas, glabras e obturadas, são privadas do órgão que é a chave da posse do corpo feminino” (p.272). Ao contrário, o órgão masculino, sempre associado à idéia de força e de beleza, não somente teve o lugar de honra, mas serviu de referência exclusiva para a constituição de nossos símbolos culturais.

Libertação – Ao falar claramente sobre os tabus e preconceitos que envolvem a compreensão do sexo feminino e, por conseguinte, da sexualidade, e tendo em vista “reabilitá-lo”, este estudo é uma grande contribuição para as mulheres, principalmente se atentarmos para fenômenos como a cliterodectomia, existentes em países da África e do Oriente, ou

mesmo para a supressão simbólica do clitóris na sociedade moderna, sobretudo entre o século 19 e os anos 60. Vale lembrar que apenas recentemente o corpo feminino foi descoberto e as questões sexuais passaram a ser discutidas mais abertamente na sociedade. Datam dos inícios dos anos 1970, no Brasil, as revelações das revistas femininas que inauguravam a temática, a exemplo das internacionais, dando enfoque especial ao clitóris e questionando a existência do orgasmo vaginal. Se considerarmos que as relações sociais e sexuais não existem sem a mediação da linguagem ou fora das construções imaginárias, é possível imaginar o significado da associação da vulva à “perereca”, ou “piriquita” até o presente momento, o que está longe de acontecer com o “falo”, representado como um bem universal, sempre tão majestoso e divino.

Sua contribuição, porém, vai além de desfazer antigos e nocivos fantasmas sexuais, ao questionar as imagens tão negativas que formam o repertório falocêntrico através dos quais as mulheres têm espelhado o próprio corpo. Vai além de explicar um pouco melhor a capacidade de vivenciar o desejo, de experimentar o sexo, de sentir orgasmo pelas mulheres. Seu objetivo é político, pois visa fortalecer a auto-imagem que as mulheres constroem de si mesmas. E, nesta direção, pergunta como podem elevar a auto-estima se, para começo de conversa, seus órgãos sexuais, tidos como definidores de sua suposta essência, desde as origens dos tempos, são pensados e representados tão pejorativamente? Afinal, avança o autor, por que não nos utilizamos de metáforas alegres, bonitas, florais para falar de nosso próprio corpo e de nosso próprio sexo, para enunciar o desejo feminino tão reprimido e desqualificado ao longo da História?

O trabalho desse médico francês se inscreve numa linha de preocupação que caracteriza o pensamento médico a partir do século 19, quando os doutores se propuseram a revelar a suposta identidade profunda da mulher. Apesar dos inegáveis avanços

O elogio do sexo da mulher

trazidos pelo desenvolvimento da ginecologia, vários estudos históricos contemporâneos têm mostrado os mitos que criaram ao definirem a “mulher honesta”, moral e biologicamente em oposição à “degenerada nata”, ou prostituta, mulher “gulosa, ávida de prazeres, insatisfeita”, como pensava Cesare Lombroso, pai da antropologia criminal. Para este, que aliás retomava as teorias do médico francês Alexandre Parent-Duchâtelet, divulgadas desde de 1820, a prostituta revelava traços físicos específicos, como quadril grande e testa curta, ou traços de personalidade, como a tagarelice, a falta de raciocínio lógico e a preguiça, que determinavam irremediavelmente sua condição moral e social.

Contrariamente a esta tradição de pensamento, que lutou para confinar a mulher na esfera da vida privada e na função de esposa-mãe-assexuada, justamente num momento em que com a urbanização elas entravam no mercado de trabalho e conquistavam o direito de cidadania, o dr. Zwang se coloca numa posição muito favorável às mulheres, procurando encontrar imagens que lhes permitam construir um novo olhar sobre si mesmas.

Assim, ataca o falocentrismo das concepções médicas sobre o corpo feminino, perceptível na maneira pela qual o órgão masculino é tomado como padrão de referência para a leitura do corpo da mulher, inferiorizando-o e, portanto, desqualificando-o. É de se notar que por mais que vários estudos, a exemplo dos de Thomas Laqueur, mostrem que desde o final do século 18, na Europa, a leitura dos corpos femininos e masculinos tenha deixado de se balizar pelo modelo da igualdade-inferioridade, segundo o qual a mulher era pensada como um “macho inferior”, substituído pelo modelo da diferença complementar – a mulher é diferente, mas complementar ao homem, o clitóris nunca deixou de ser definido como um “pênis invertido”, voltado para dentro e menor, noção aliás que permitiu ao dr. Freud construir a tese da famosa “inveja do pênis”. Para o dr. Zwang, seria muito mais

adequado pensar o clitóris em relação aos mamilos, em caso de comparação.

Fundamentalmente, o que está em jogo para ele é a disjunção da referência masculina para se pensar o corpo feminino, o que, como observam as feministas, é condição de possibilidade para que as mulheres possam autonomizar-se plenamente, percebendo-se como diferentes, mas não inferiores aos homens, e deixando aflorar suas próprias necessidades, em geral diferentes também das masculinas. Num e noutro caso, trata-se de um novo conhecimento sobre o funcionamento biológico e desejante das mulheres, que têm necessitado levar a cabo uma profunda desconstrução dos postulados e das verdades científicas construídas sobre si. É o caso das afirmações dominantes sobre o desejo de maternidade e sobre a questão sexual. Apesar de todas as enormes conquistas políticas, sociais e culturais de nosso século, as mulheres ainda discutem o funcionamento do próprio corpo, divididas em relação às possíveis interpretações e localizações do orgasmo, do ponto G à teoria dos múltiplos orgasmos. É nesse sentido que ele propõe o fim da hegemonia dos símbolos fálicos que constituem nossa cultura: “Mas é muito desejável, para emparelhar com os incontáveis objetos fálicos, que surjam – ou ressurgam, pois já os houve – objetos à imagem do sexo da mulher.”

A batalha maior deste livro é, a meu ver, a defesa da relação heterossexual, profundamente abalada em nosso mundo. Num esforço louvável, sem dúvida, o médico francês busca valorizar as mulheres a partir de sua mais profunda intimidade, questionando as metáforas noturnas e sombrias através das quais foi descrita. Acredita poder aproximar homens e mulheres, denunciar as violências cometidas contra o corpo feminino e colaborar para uma melhor interação sexual entre ambos.

Problematizando – Contudo, ao buscar saídas para a crise da heterossexualidade na idade da pós-inocência, o dr. Zwang

O elogio do sexo da mulher

acaba propondo um novo confinamento às práticas sexuais entre parceiros do mesmo sexo, ou mesmo àquelas consideradas “perversas” desde o dr. Krafft-Ebing, no século passado, já tão desacreditadas na atualidade. Assumindo um “discurso da verdade” sobre o sexo feminino e masculino, pois científico e biologicamente fundamentado, o autor condena práticas como o sexo anal, a masturbação, ou o recurso a serviços sexuais. Repõe deste modo, vários dos preconceitos e tabus que temos abandonado como lembra Anthony Guiddens, ao referir-se à atual “des-pervertização do sexo”, em sua obra *A transformação da intimidade*.¹

Faz sentido, então, perguntar se é necessário condenar a relação entre pessoas do mesmo sexo para que a heterossexualidade sobreviva? Ou antes, pois se trata de defender a liberdade sexual, enquanto uma questão de saúde física e psíquica, por que querer disciplinar o amor, o desejo e o prazer, repondo as normas de uma moral pretensamente universal que, aliás, o próprio autor define como falocrática? Com que direito podemos definir para todos as pessoas a quem desejar e as maneiras como devem viver sua sexualidade?

Ele acredita num modelo cientificista bastante questionado segundo o qual o conhecimento objetivo, científico, correto seria um relato da essência real da natureza humana, portanto produção da verdade única sobre o sexo da mulher e do homem. A homossexualidade e outras práticas antigamente consideradas, a partir do século 19, como “perversas” são novamente condenadas, em nome de um ideal de amor romântico, que vem sendo profundamente criticado, já que histórico e não natural, e difícil demais para ser plenamente realizado.

Finalmente, o livro instiga a pensar na necessidade de novos conhecimentos e aproximações com o seu correspondente masculino, já que os recentes estudos da masculinidade têm

¹ GUIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. Unesp, 1996.

Margareth Rago

mostrado que também o sexo do homem é representado culturalmente a partir de categorias que o divinizam e constróem como um bem universal, o que significa trazer uma exigência de incessante atividade, à qual nem sempre os homens conseguem se adequar. Se a questão é aproximar os gêneros, possibilitando uma melhor interação numa área tão vital, como a sexual, não seria interessante que os médicos publicassem agora “O sexo do homem”, ou talvez, dos homens, já que depois da “morte do homem”, passamos a falar de seres humanos sexuados específicos?